

CRÍTICA DE CHOMSKY AO MATERIALISMO

Noam Chomsky's criticisms against materialism

Daniel Luporini de Faria

Resumo: No presente artigo, pretende-se expor e analisar as críticas que Noam Chomsky (2000) dirige contra o materialismo em filosofia da mente. Para o referido autor, a rigor, não faria sentido questionar o estatuto ontológico da mente, na medida em que os próprios físicos e filósofos materialistas desconhecem 90% da matéria que constitui o universo (a matéria e energia escuras). Deste modo, Chomsky dirá que no tempo de Descartes, da filosofia mecânica, o que se fazia era ciência normal, ao passo que após o advento das ideias de Newton, o universo passa a ser antimaterialista. O presente trabalho pode ser útil/valioso à filosofia e história das ciências naturais, à física e à filosofia da mente.

Palavras-Chave: Materialismo; Matéria Escura; Filosofia Mecânica.

Abstract: The aim of this paper is to expose and analyze Noam Chomsky's criticisms against materialism in philosophy of mind. For this author, strictly speaking, questioning the ontological status of the mind would not make sense, considering that the materialistic physicists and philosophers themselves are unaware of 90% of the matter that constitutes the universe (dark matter and energy). Accordingly, Chomsky will say that in Descartes' time, or in times of mechanical philosophy, what was done was normal science, while after the advent of Newton's ideas the universe becomes anti-materialist. This paper can be useful/valuable to philosophy and history of natural sciences, physics and philosophy of mind.

Keywords: Materialism; Dark Matter; Mechanical Philosophy.

Introdução

Tendo em vista as origens e o desenvolvimento do pensamento ocidental, as questões sobre as relações entre o universo simbólico (ou mente) e o corpo (ou plano material da realidade) têm gerado relevantes e controversas discussões. Mas é, sobretudo, a partir dos escritos de Descartes que tal relação se coloca inevitavelmente como um problema de difícil resolução.

No contexto da filosofia cartesiana, o universo é cindido entre duas realidades radicalmente distintas e inconciliáveis: um plano material, composto por entidades extensas e regido pelas leis da mecânica; e um plano espiritual, formado por espíritos que, à rigor, seriam diametralmente opostos às entidades materiais, ou seja, sendo não extensos, sem peso, medida e figura.

Severas críticas foram dirigidas à teoria de Descartes, sendo que a mais óbvia e destrutiva delas questiona: como sustentar uma realidade dualista na qual haveria uma correlação entre duas substâncias radicalmente distintas?

Independentemente das respostas apresentadas por Descartes, o fato é que, com a rejeição do dualismo, as posições assumidas tendiam a rejeitar algum dos planos da realidade de Descartes. Nesse sentido, até meados do século XX os pensadores compactuaram com alguma forma de materialismo, rejeitando o âmbito espiritual, ou aderiram a perspectivas de feição idealista, rejeitando, assim, a realidade material.

Tal estado de coisas, com efeito, permaneceu no âmbito das especulações metafísicas até que alguns pensadores, insatisfeitos com tanta especulação e nenhum avanço significativo em tais discussões, passaram a investigar o cérebro com base nas ciências objetivas, ou seja, procurando estabelecer critérios objetivos de estudo. Daí o surgimento do que poderíamos chamar de “materialismo moderno”.

O materialismo moderno

Na literatura acerca da perspectiva materialista, comumente se encontra a identificação entre as noções de materialismo e fisicalismo. Contudo, pode-se conceber que a noção de materialismo seria mais geral que a de fisicalismo, por assumir certas teses das ciências biológicas, tais como a da seleção natural, por exemplo, ao passo que o fisicalismo seria uma perspectiva que tende a conceber os fenômenos abordados pelas ciências “especiais” (tal como a psicologia, por exemplo), em termos de conceitos, entidades e recursos epistemológicos oriundos exclusivamente da física. Mas, para nossos propósitos, entendemos ser intercambiáveis as noções de materialismo e fisicalismo.

Na perspectiva materialista, ao menos parte, senão todas, das seguintes teses são assumidas:

- Rejeição do dualismo substancial;
- Rejeição do vitalismo e perspectivas do gênero;
- Cientificismo, que por sua vez leva à:
 - Possibilidade de postulação de entidades inobserváveis;
 - Possibilidade de utilização de recursos matemáticos;
 - Criticidade ou abertura à possibilidade de refutações mediante experimentos.

Reduccionismo, superveniência e teoria da identidade

Apresentadas algumas das principais características que compõem as perspectivas materialistas em filosofia da mente, pode-se dizer que, de modo geral, o materialismo parte do princípio de que os estados mentais *reduzem-se*, *supervêm* ou podem ser *identificados* aos estados e propriedades neurobiológicas. De maneira muito sumária, pode-se dizer que as teorias *reducionistas* afirmam que estados mentais poderiam ser reduzidos a estados

cerebrais, de modo que o percurso de uma posição reducionista ficaria mais ou menos assim: psicologia → biologia → química → física.

Ernst Nagel (1979), por exemplo, afirma que existem dois tipos de redução: homogênea e heterogênea. No primeiro caso, da redução homogênea, a teoria que se quer reduzir (T1) tem seus conceitos expressos de maneira inalterada por uma teoria mais abrangente (T2), de modo que o que era antes explicado em T1 passa a ser explicado nos termos da nova teoria mais abrangente. O exemplo clássico desse tipo de redução teórica seria o da redução das leis do movimento terrestre, ou sub-lunar, de Galileu às leis gerais do movimento de Newton, que, utilizando-se praticamente dos mesmos termos de Galileu, passou a explicar não apenas os movimentos terrestres, mas também o movimento das estrelas e dos planetas.

No caso da redução heterogênea, os fenômenos explicados por uma teoria (T1) passam a ser explicados por outra teoria (T2), que originalmente não se propõe a explicar os mesmos tipos de fenômenos que T1 explicaria. Assim, pelo fato de T2 não utilizar os mesmos conceitos que T1, para que se possa efetuar esse tipo de redução faz-se necessário que *regras de correspondência*, ou leis-ponte (*bridge laws*), entre os termos e suposições de T1 e T2 sejam elaboradas. Um exemplo recorrente de redução heterogênea encontrada na literatura sobre o assunto seria a redução da termodinâmica à mecânica estatística, sendo que os fenômenos térmicos passam a ser explicados em termos de regularidades estatísticas verificadas na interação mecânica entre partículas.

Na perspectiva reducionista em filosofia da mente, a realidade dos fenômenos mentais ou psicológicos não é questionada. O reducionista, em resumo, parte da existência da mente, afirmando que as explicações dos fenômenos mentais seriam passíveis de serem reduzidos às explicações referentes aos fenômenos físicos. Assim, observa-se que (pelo menos na perspectiva de Ernst Nagel, que vagamente delineamos) a redução interteórica é concebida em termos de uma relação estritamente lógica entre conceitos e expressões de teorias, e que visa fundamentalmente a unificação explicativa, podendo, em consequência, dar ensejo para se pensar numa espécie de simplificação ontológica.

Outra variante de materialismo, que poderíamos denominar de *materialismo não-reduutivo*, afirma que embora haja uma relação de dependência dos estados mentais em relação às bases físicas ou cerebrais, a mente não pode ser reduzida ao substrato físico que a sustenta.

A noção-chave dessa vertente de materialismo, que abrange uma série de teorias, é a de *superveniência*, que é sintetizada por Kim¹ nos seguintes termos: “A não distinção física implica na não distinção psicológica, de modo equivalente, não há diferença mental sem diferença física”. Contudo, é interessante frisar que Kim entende que a noção de superveniência não se configura numa solução ao problema mente-corpo, servindo somente para afastar perspectivas dualistas radicais, tais como o cartesianismo. Em suas palavras:

A superveniência não é, pois, uma relação metafísica profunda acerca de padrões de covariância de propriedades, padrões esses que possivelmente são manifestações de relações de

1 KIM, J. (1996, p.10).

dependência mais profundas. Se isso é assim, a superveniência só coloca o problema mente-corpo, não sendo uma solução para ele².

Independentemente do tipo de superveniência que se queira adotar³, Kim considera o problema da *causação mental* como o grande entrave para a consolidação de um materialismo consistente, em que ocorra o fechamento causal do mundo físico, sem, no entanto, cair no reducionismo.

O modelo de causação mental desenvolvido por Kim⁴ seria o de causação superveniente, modelo que admite uma relação de causalidade no domínio mental, mas que, a rigor, seria dependente ou superveniente em relação às bases físicas subjacentes aos processos mentais. Nessa perspectiva o epifenomenalismo dos estados mentais poderia ser descartado, ademais, o traço marcante do fisicalismo seria assegurado, que seria a relação de dependência dos estados mentais com relação às bases físico-químicas subjacentes.

Assim, levando às últimas consequências a abordagem superveniente do problema da causação mental, Kim⁵ conclui que: *em se aceitando* a relação de superveniência dos estados mentais, haveria o que ele chama de *sobredeterminação causal*, ou seja, um determinado estado mental sendo causado tanto por outro estado mental, quanto por um estado físico. Em *não se aceitando* a relação de superveniência dos estados mentais, o domínio da mente torna-se autônomo, podendo dar ensejo a se pensar na possibilidade da mente causar efeitos no plano físico sem uma correspondente causa física.

Neste último caso, ou seja, caso não se aceite a relação de superveniência dos estados mentais, o fechamento causal do mundo físico estaria comprometido. Já em relação ao primeiro caso, ou seja, aceitando-se a relação de superveniência, para se contornar a *sobredeterminação causal* dever-se-ia abrir mão dos poderes causais dos estados mentais para se evitar o não fechamento causal do mundo físico. Nesta perspectiva, as relações entre os estados mentais entre si, bem como dos estados mentais com suas contrapartidas físicas, não poderiam ser causais.

Dados tais problemas concernentes à relação de superveniência, problemas estes que surgem na possibilidade de se propor a causação descendente, pode-se dizer que uma maneira coerente de se contornar os problemas decorrentes principalmente da não aceitação da relação de superveniência seria *identificar* os estados mentais aos processos neurofisiológicos, tal como apreçoam as teorias da identidade mente-cérebro.

2 KIM, J. (1998, p. 14).

3 A relação de superveniência, com efeito, admite formulações mais fracas ou fortes. Abrantes (2004) assim se refere às possibilidades de concepção da relação de superveniência: “A indiscernibilidade física pode dizer respeito exclusivamente a indivíduos tomados num mesmo mundo, ou então envolver comparações de indivíduos tomados em diferentes mundos possíveis (superveniência local); num outro registro, a superveniência pode unicamente comparar as distribuições globais de propriedades físicas, de um lado, e mentais, de outro, em diferentes mundos possíveis, não se comprometendo com comparações de como essas propriedades são instanciadas e estão relacionadas em indivíduos, comparados dois a dois, nesses mundos (superveniência global). A superveniência local implica a global, mas não o contrário. Por outro lado, o modo como especificamos a noção de ‘possibilidade’, se lógica ou nomológica pode, por sua vez, gerar variantes das relações anteriores” (p. 10).

4 KIM, J. (1998).

5 KIM, J. (1998).

Neste sentido, Smart afirma que *todas* as ocorrências ditas mentais seriam *idênticas* a uma ocorrência no nível físico-químico do cérebro. Em suas palavras:

Quando afirmo que uma sensação é um processo cerebral ou que o raio é uma descarga elétrica, estou usando a palavra “é” no sentido estrito de identidade (...) Considere o raio. A ciência física moderna nos diz que o raio é um certo tipo de descarga elétrica que se deve à ionização das nuvens de vapor d’água da atmosfera. Agora sabemos disso, esta é a verdadeira natureza do raio. Notem que não há duas coisas: um flash de luz e uma descarga elétrica. Existe uma só coisa, um *flash* de luz, que é cientificamente descrito como uma descarga elétrica para a terra que vem de uma nuvem ionizada de moléculas de água. O caso não é, em geral, como aquele de explicar uma pegada por referência ao ladrão. Nós dizemos que o que o raio realmente é, a verdadeira natureza do raio enquanto revelada pela ciência, é uma descarga elétrica.⁶

Nesta perspectiva, os eventos mentais e os cerebrais seriam idênticos, não havendo, pois, uma mera correlação entre os eventos. Ou seja, entendendo-se os processos mentais como X e os processos cerebrais como Y, então todas as características atribuídas aos processos mentais (X) podem ser igualmente atribuídas aos processos cerebrais (Y), e vice-versa. De maneira menos abstrata, um determinado tipo de sensação, como, por exemplo, a fome que sinto neste exato momento, pode ser entendida como idêntica à ativação de determinados neurônios em meu cérebro, responsáveis pela sensação da fome sentida.

Interessante notar que, apesar da correspondência no estabelecimento de identidades entre mente e cérebro no plano ontológico, Smart entende que no âmbito discursivo haveria certa autonomia entre o mental e o cerebral. Em suas palavras:

Sensações não são nada ‘além e aquém’ de processos cerebrais. Nações não são nada ‘além e aquém’ de cidadãos, mas isso não mostra que a lógica das sentenças sobre nações seja muito diferente da lógica das sentenças sobre cidadãos; isto também não assegura a tradução das sentenças sobre nações em sentenças sobre cidadãos.⁷

Putnam⁸ ressalta que a teoria da identidade, tal como Smart a concebe, servia muito bem para explicar cada *token*, ou ocorrência específica, de evento mental, mas necessitava de corretivos, ou uma melhor articulação, para ser capaz de abranger os tipos (ou generalidade dos *tokens*) desses eventos. Em outros termos, uma específica dor de dente pode ser concebida como um especial estado do cérebro, mas a dor de dente entendida de modo geral deveria ser entendida em termos de “papéis funcionais” descritos por determinadas relações causais. Assim surge o *funcionalismo*, que pode ser concebido como uma espécie de evolução da teoria da identidade.

Tendo em vista as hipóteses materialistas em filosofia da mente, ou seja, as hipóteses que entendem que a mente, de alguma maneira, depende de uma organização ou substrato físico/material que a sustente, algumas críticas se colocam no sentido de questionar a própria concepção de matéria. O maior expoente desse tipo de críticas seria o neurolinguista Noam Chomsky.

⁶ SMART, p. 52-66

⁷ SMART, J. J. C. (1970, p. 56).

⁸ PUTNAM, H. (1960).

O universo físico

Em geral, discute-se em filosofia da mente e ciências do cérebro o estatuto ontológico do plano mental. Discute-se qual a constituição última da mente, suas funções biológicas e razão de existir. Isto é fato. Outro fato é que os filósofos materialistas afirmam que a mente, de alguma maneira, possui um lastro material, sem o qual, a mente deixaria de existir, e que todas as coisas no universo seriam materiais.

Entretanto, alguns pensadores contemporâneos afirmam que se é mesmo assim, ou seja, já que a ciência atual não nos deixa dúvidas de que todas as coisas são constituídas por entidades materiais, o que quererão dizer afinal os físicos contemporâneos ao utilizar o termo *físico* ou *material*? Ou devemos pressupor que apenas o mental necessita de uma caracterização satisfatória?

Na edição de agosto de 2002 da *Scientific American Brasil*, Caraveo e Roncadelli (em matéria de capa) relatam que é consenso entre os físicos contemporâneos que cerca de 90% da matéria existente no universo continua a escapar às observações, de modo que não se sabe qual seria sua constituição, tampouco suas propriedades fundamentais⁹. Sem pretendermos entrar em detalhes mais técnicos sobre os problemas existentes na comunidade dos físicos sobre a concepção de matéria, assumamos (por enquanto) somente a afirmação genérica de que não se sabe ao certo o que seja de fato pelo menos 90% da matéria constitutiva do universo, de modo que “agora descobrimos que somos feitos de uma matéria que constitui minúscula parcela do universo” (Caraveo e Roncadelli, p. 32).

Feitas tais observações, que tipo de coisas poder-se-ia pensar a este respeito? Uma alternativa seria elaborar um discurso similar ao dos eliminativistas em filosofia da mente com relação à esperança de avanço das neurociências, e, transferindo tal discurso para a astrofísica contemporânea, confiar na possibilidade de que o desenvolvimento teórico e a pesquisa empírica pertinente ao assunto venham a fornecer um quadro teórico adequado acerca de toda a constituição do universo?

Se a alternativa que especulamos acima fizer algum sentido, temos boas razões para esperar que nem mesmo o mais otimista dos materialistas a leve em consideração; afinal, haveria esperança demais, e, no mínimo, abuso de linguagem se considerar um materialista que, mesmo reconhecendo que a ciência atual desconheça o que seja matéria, ainda assim se entenda enquanto tal (um materialista). Porém, pode-se objetar que a matéria escura é apenas mais difícil de observar, de modo que, no futuro, ela poderia vir a ser conhecida detalhadamente.

Uma outra alternativa seria concebermos uma metafísica naturalista (note que não é necessário que se abra mão de uma posição naturalista) menos dogmática e verdadeiramente atenta aos conhecimentos atuais (que conduzem à idéia de que quase nada

⁹ Se pensarmos que o estudo do cosmo por meio da radioastronomia, óptica, raios X e gama pode nos fornecer um quadro completo do nosso universo estaremos cometendo um erro grosseiro. Há décadas sabemos que a matéria luminosa – aquela que “vemos” porque emite radiação eletromagnética, ou seja, luz, ondas de rádio, raios X e gama – é apenas uma parcela insignificante de toda a matéria que exerce uma função gravitacional. Este é o famoso problema da ‘matéria escura’, um dos desafios mais estimulantes da astrofísica atual” (Caraveo e Roncadelli, 2002, p. 27).

sabemos acerca das propriedades e constituição de toda a matéria existente). Numa perspectiva desse tipo, presume-se que novidades poderiam surgir dependendo do que venha a ser feito em astrofísica ou investigações sobre a constituição da matéria. Nem mesmo a possibilidade de se pensar no ressurgimento do dualismo (seja de que tipo for) seria algo despropositado ou inconcebível. Como observa Chomsky (2000):

Suponha que a matéria escura venha a ser crucialmente diferente dos 10% do mundo sobre o qual fazemos algumas idéias. A possibilidade não pode ser descartada em princípio; coisas estranhas têm sido aceitas na ciência moderna. Isso não pode ser excluído no caso das teorias da mente. Embora não haja razão para considerar a hipótese, alguma versão do cartesianismo (com um conceito de corpo mais rico) poderia em princípio tornar-se verdadeira, consistente com a postura naturalista (p. 85).

Independentemente do tipo de concepção dos estados mentais que se possa extrair das hipóteses de Chomsky, o que cabe ressaltar é a idéia de que investigações de orientação naturalista não podem cristalizar-se no sentido de aceitar como fatos estabelecidos as noções de corpo e matéria vigentes, como faz grande parte dos que se dizem materialistas. Pois caso não se esclareça a questão sobre o que são entidades materiais, carecerá de sentido arrogar-se materialista.

O naturalismo metafísico será uma posição coerente se seus advogados nos disserem a que equivale o “físico” ou o “material”. Até que isso seja feito, nós não poderemos compreender essa doutrina, que nos deixa somente noções derivadas como “materialismo eliminativo” e coisas parecidas. Na prática, versões tais como essa última parecem ser um pouco mais que pronunciamentos acerca de onde as coisas se encontram, assim, não são de especial interesse.¹⁰

Assim sendo, ou seja, sem um claro entendimento do que seja uma entidade material, Chomsky entende que não apenas carece de sentido assumir-se como materialista, mas o próprio problema mente-corpo nem pode ser coerentemente formulado. Em suas palavras:

(...) as discussões pressupõem algum antecedente entendimento do que seja físico ou material, do que sejam as entidades físicas. Tais termos tinham algum sentido no escopo da filosofia mecânica, mas o que eles significam num mundo baseado na “força misteriosa” de Newton, ou ainda em noções mais misteriosas como campos de força, espaço curvo, cordas com uma dimensão infinita em um espaço de dez dimensões, ou em qualquer coisa que a ciência conceba para amanhã? Faltando um conceito para “matéria” ou “corpo” ou para “o físico”, nós não temos um modo coerente para formular questões sobre o “problema mente-corpo”. Esses eram reais problemas da ciência nos dias da filosofia mecânica.¹¹

Nesta perspectiva, entendendo Chomsky que sem uma noção clara do que se entende por físico ou material, não apenas o problema mente-corpo sequer pode ser

¹⁰ Chomsky (2000), p. 85-86.

¹¹ Chomsky (2000), p. 109-110.

formulado, mas também se autodenominar como materialista careceria de sentido. Dito isso, gostaríamos de salientar uma observação aventada por Chomsky na citação precedente que julgamos ser muito apropriada, e que se configura num duro golpe aos materialistas contemporâneos que julgam despropositadas as discussões acerca da relação mente-corpo na perspectiva cartesiana.

A filosofia mecânica e a newtoniana

Segundo Chomsky, a questão da unificação, quer dizer, da conciliação da filosofia mecânica (que como salientamos, em sua perspectiva cartesiana, pintava o universo físico como sendo um *plenum* de matéria extensa) com o universo mental (que tem na *res cogitans* a entidade fundamental, e que devido a suas propriedades encontradas unicamente no homem, caracteriza sua distinção em relação aos animais e máquinas) era uma questão de ciência normal, naturalista por excelência, pois se pautava nos conhecimentos factuais da época. Ademais, Descartes tinha uma idéia do que queria dizer ao empregar termos como matéria e espírito. O problema era entender a interação¹².

Tal quadro de ciência normal legado pela perspectiva cartesiana, segundo Chomsky, teria ruído com a concepção newtoniana de interação à distância, algo que rompia com o modelo de interações por contato da filosofia mecânica. Nas palavras do autor:

A teoria cartesiana colapsou logo depois, quando Isaac Newton mostrou que os movimentos terrestres e planetários iam além dos limites da filosofia mecânica – além do que era entendido por corpo, ou matéria. O que permaneceu era um quadro do mundo que era “antimaterialista”, e que “confiava pesadamente em forças espirituais” (p. 108).

Deste modo, pode-se dizer que a conclusão de Chomsky é a de que, na perspectiva cartesiana, a relação mente-corpo se colocava como um problema real, passível de ser abordado de forma naturalista; ao passo que após o colapso da filosofia mecânica que se seguiu à publicação das idéias de Newton, o problema mente-corpo sequer pode ser formulado de maneira inteligível, como era no contexto do mecanicismo cartesiano. Isso porque o universo físico não possuía mais a inteligibilidade de outrora. Em suma, estes seriam os problemas que, segundo Chomsky, podem ser dirigidos às abordagens materialistas da mente.

Conclusão

Em conclusão, podemos dizer que nos posicionamos radicalmente contra as objeções de Chomsky ao materialismo. Dizemos isso em virtude do caráter discutível de seu argumento; pois na comunidade dos físicos, o desconhecimento das propriedades últimas da matéria e da energia escura não se afigura como um grande problema, na medida

12 “O ‘problema da unificação’ era uma questão sobre a interação do corpo com a mente. Esse dualismo metafísico era naturalístico em essência, usando evidências empíricas para teses factuais sobre o mundo – teses erradas, mas mesmo assim, essa era a regra” (Chomsky, 2000, p. 108).

em que, mesmo desconhecendo as propriedades fundamentais da matéria, estimativas, mensurações e previsões de fenômenos são normalmente efetuados. Ademais, grande parte dos físicos parece entender que, podendo ser mensurada a quantidade de matéria e energia escura no universo, a descoberta de suas propriedades fundamentais seriam apenas uma questão de tempo.

Entretanto, não deixamos de tirar o mérito de Chomsky e concordamos com ele que, no século XVII, época de Descartes, o que se fazia era ciência normal (emprestando a noção de Kuhn), ao passo que, com a instauração dos campos de força newtoniano, a ciência fica mais “diluída”, antimaterialista.

Bibliografia

CARAVEO, P; RONCADELLI, M. O enigma da matéria escura. *Scientific American Brasil*, São Paulo: Segmento; Ediouro, n.3, p. 26-33, ago, 2002.

CHOMSKY, N. *New horizons in the study of language and mind*. Cambridge: University Press, 2000. p. 75-133.

KIM, J. *Philosophy of mind*. Colorado. Westview Press, 1996.

_____. *Mind in a physical world*. Cambridge MA: The MIT Press, 1998.

NAGEL, E. Issues in the logic of reductive explanations. In: *Teleology revisited and other essays in the philosophy of science*. New York: Columbia University Press, 1979. p. 95-117

PUTNAM, H. Minds and machines. In HOOK, S. (org). *Dimensions of mind*. New York: Collier, 1960. p. 148-179.

SMART, J. J. C. Sensations and brain processes. In: BORST (Org.). *The mind Brain/identity theory*. London: The Macmillan Press, 1970. p. 52-66.

Texto recebido em: 13/05/2012
Aceito para publicação em: 19/05/2012